



POBREZA INFANTIL

ESTUDAR É O MELHOR REMÉDIO



Neste Verão, é como se fossem um bocadinho turistas. Visitam monumentos no centro histórico do Porto, lêem contos no Jardim Botânico, fazem cálculos nos Jardins do Palácio de Cristal, puxam cordas na praia de Matosinhos... Quando as aulas começarem, muitos estarão nalguns dos mais prestigiados colégios privados do Porto. São crianças pobres que não querem ser adultos pobres e que conseguem falar sobre isso. Não muito longe, em casa, outras tentam encher os dias. **ANA CRISTINA PEREIRA** TEXTOS **RUI FARINHA/NFACTOS** FOTOGRAFIA

Tem um olhar grave, quase trágico. Senta-se com os cotovelos apoiados na mesa e mexe as mãos enquanto fala, como gente grande.

Está a divertir-se, após um laborioso ano lectivo. A escola corre-lhe “muito bem”. Luís Almeida tem 11 anos e passou para o 6.º. Teve cinco valores em três disciplinas e quatro nas outras. Gosta de estudar. Mesmo nas férias, lê antes de adormecer. Requisita livros da Biblioteca Municipal do Porto.

O televisor não lhe desvia a atenção ao final de cada dia ou ao princípio de cada noite. O televisor permanece dentro de casa, mas está avariado. Sabe porquê. Conhece bem as contas da família. “A minha avó recebia 311 euros de RSI [Rendimento Social de Inserção]. Recebe 19,90.” Perante a falta de pai e mãe, o Tribunal de Família e Menores do Porto accionou o Fundo de Garantia de Pensão de

Alimentos Devidos a Menores. Primeiro para Luís (165 euros), depois para a irmã de quatro anos (100). E é com isso que a avó faz vida. Com isso e com os 84 euros de abono.

A preocupação é permanente. E é ela que carrega o olhar de Luís – um olhar adulto num corpo infantil.

Ajuda a avó, quase analfabeta, a encontrar os preços mais baixos no supermercado. Está atento aos descontos. Faz contas de cabeça para ver “se compensa comprar dois em vez de um”. “Só compramos o indispensável”, diz, sem perder a postura, pronunciando muito bem cada palavra. “Leite, carne, peixe.” Uma vez por mês, recebem um pequeno cabaz do Banco Alimentar Contra a Fome.

Com aquelas contas todas, nem abre a boca para pedir o que quer que seja. “Apetece-me uma coisa e nem posso olhar.” O vestuário e o calçado do miúdo, magro, de cabelos claros, dependem da generosidade de “pessoas amigas”, as mesmas que lhe garantem os livros e

o material que o Serviço de Acção Social Escolar não cobre. “Não dá para ir à papelaria comprar tudo...”

Volta e meia, há que recorrer à Acção Social: de três em três meses, lá está a técnica que acompanha a família, na Qualificar Para Incluir (QPI) – uma instituição particular de solidariedade social apostada em interromper processos de reprodução de pobreza –, a renovar o pedido de apoio para passe e renda. Mesmo assim, tantas vezes Luís sai de casa em jejum. “Faço do lanche [matinal] que dão na escola o pequeno-almoço.”

Não gosta do estado do país. Parece-lhe que falta “o essencial”. O que é o essencial? “Justiça de vida.” E o que é “justiça de vida”? “O país dar ajuda aos mais pobres e não aos mais ricos, o país dar oportunidades aos mais pobres nos estudos. Muitos são muito bons e não podem ter uma boa escola, estudar, tirar o seu curso, fazer crescer o país. O ensino público é bom, mas muitas vezes... Há profes-

res que se interessam, mas outros... Há muita desigualdade.”

Quer ser cientista. Candidatou-se ao Colégio Efanor, promovido pela Fundação Belmiro de Azevedo. A QPI ajudou-o a preparar-se para os exames. A organização está a tentar tirar miúdos de escolas mal afamadas. Negociou a transferência de 55 para escolas particulares e de 15 para uma escola profissional e está dentro da sala a acompanhar 61 alunos de quatro turmas da Escola Básica e Secundária do Cerco do Porto.

Cidália Queirós, ideóloga e directora da QPI, anda cansada da “psicologia barata” que se ouve em alguns conselhos de turma. “Conversar sobre o que se ensina, como ensinar melhor, nada. Tudo é uma justificação para não fazer nada, para não envolver nem proteger aqueles alunos.”

Trabalham famílias como um todo – através de três tipos de protocolos assinados com o Instituto de Segurança Social, acompanham



mais de 400, todas beneficiárias de RSI. Arrancar adultos e, com eles, crianças, à pobreza extrema é ainda mais difícil desde que a austeridade alastra.

“O acesso ao emprego é muito problemático na população desqualificada e temos dificuldade em oferecer formação a toda a gente”, comenta a professora do Instituto Superior de Serviço Social do Porto, um dos financiadores da QPI. O país quase não abre formação para adultos com equivalência escolar – há formação modular certificada, isto é, cursos de curta duração que obedecem a uma lógica de construção progressiva de qualificação profissional.

“Qualificar não é despachar pessoas para escolas”, enfatiza. Impõe-se negociar “condições adequadas de aprendizagem”. A formação parece-lhe importante, mesmo que não resulte logo em emprego: “Permite que as pessoas não fiquem fechadas na desesperança, num dia-a-dia sempre igual, vazio.”

Enriquecer as relações sociais “é uma dimensão importante da inserção”. Há que pôr as pessoas a fazer coisas que nunca fizeram. Os beneficiários que frequentam um curso de cozinha, por exemplo, estiveram na Casa da Música a preparar peças musicais infantis para apresentar aos filhos. O simbólico também lhe parece fulcral. “Podemos criar condições para que as pessoas sintam que são mais respeitadas, mais valorizadas.”

Pelos corredores da QPI, andam 68 crianças entre os três e os 16 anos, como Luís e a irmã. Não ao mesmo tempo, porque há todo um conjunto de actividades associadas à descoberta, à linguagem e ao cálculo que as faz andar, aos saltos, pelo centro histórico, pelos jardins do Palácio de Cristal, pelo Parque da Cidade, pelo Jardim Botânico, pela Praia de Matosinhos...

Há pouco, Cidália apareceu à hora do lanche. Ao vê-la tirar as châvenas mais bonitas, vários miúdos perguntaram: “Isso é para

nós?” A psicóloga Elisa Rodrigues, que integra a equipa da QPI, atribuiu um significado àquele espanto: “Ainda muito pequenos, já se consideram pessoas que merecem menos.”

Ninguém sabe bem qual é a actual dimensão da pobreza infantil. Os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) reportam aos rendimentos de 2011. Nessa altura, 17,9% da população vivia com menos de 416 euros por mês. Entre os menores de 18 anos, a taxa de risco de pobreza alcançava os 21,7%.

O risco de pobreza diminui à medida que a escolaridade aumenta. E essa certeza, reforçada em cada Inquérito às Condições de Vida e Rendimento que o INE faz todos os anos, entrou na cabeça de alguns dos miúdos que vêm a este velho edifício estudar em tempo de aulas e desfrutar em tempo de férias.

Rúben Correia tem 12 anos e a lição na ponta da língua: “Acho que estes meninos precisam de ajuda para estudar, para ter um futuro melhor. Foi na QPI que me explicaram. Disseram-me para estudar, para ter boas notas, que depois vou ter um emprego onde vou ganhar muito dinheiro.”

O seu grupo, o dos 12 aos 16 anos, passa esta manhã na praia de Matosinhos, a nadar, a correr de um lado para outro, a fazer corridas de saco, a puxar uma corda. Na véspera, esteve no Jardim Botânico do Porto e lera um conto, o *Espantinho Aventureiro*, de António Torrado.

Tem estudado, Rúben. “Passei para o 7.º. Tive três a Matemática, a Educação Visual e a Educação Tecnológica e o resto tudo quatro. Cinco não há. Estava perto de tirar em Inglês. Estou sempre perto de tirar em Inglês e não tiro! Como sou bom aluno, querem mudar-me para uma escola boa.”

No próximo ano lectivo, será aluno do Colégio Ellen Key. O melhor amigo, Emanuel Gue-



fome, mas também não temos tudo o que queremos. Não temos dinheiro para sapatilhas, para roupa, mas temos dinheiro para comida e tecto.”

A mãe está desempregada. Recebe 248,84 euros de RSI, 125 euros do Fundo de Garantia de Pensões de Alimentos Devidos a Menores, 70,38 euros do abono de família de Ana Paula e da irmã – o irmão não estuda, nem trabalha. O companheiro da mãe, soldador, manda algum dinheiro de França, mesmo assim é uma dor de cabeça. “Não há dinheiro para sair, para ir ao café ou para ir comer fora. A minha mãe paga as contas e no fim é que compra as coisas. Nós não gostamos de bolachas Maria, mas, quando não há mais nada, comemos. Se não comemos, a minha mãe não compra mais nada.”

Já nem pede telemóvel, mas tem “pedido muito umas sapatilhas”: “O meu sonho era ter um telemóvel e umas sapatilhas. Estou indecisa entre umas Vans e umas Air Force. Custam 60 euros. Queria brancas. Tinha umas Air Force. Eram brancas e rosa e azuis e verdes. Deram-mas. Foi uma amiga da minha mãe, mas já vieram meio estragadas. Duraram dois anos. Poupei-as. Agora não tenho sapatilhas, só tenho sandálias.”

Apesar de tudo, há muitos miúdos com sapatilhas de marca e telemóveis de última geração a correr na areia nesta manhã. “Eles falam muito de coisas que querem e os pais falam muito na dor que é não poder dar”, explica Elisa Rodrigues. “Muitos fazem sacrifícios extremos, escolhas, se calhar, não muito racionais para satisfazer esses desejos.” Cortam na alimentação, por exemplo.

O percurso da rapariga, grande para os seus 15 anos, não inspira: “Estava a fazer 7.º, 8.º e 9.º num curso de mesa e bar, mas não estava a gostar, por isso tinha más notas.” Irá agora para o Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica. “Vou fazer o curso de soldadura.” Quer fazer o curso e ir para França. “Isto aqui está uma miséria.”

Danilo Rocha também irá fazer esse curso, que lhes dará equivalência ao 9.º ano. “Tem empregabilidade alta. Acho que com esta profissão posso ter uma vida normal.” Ao todo, vão 15 adolescentes que reprovaram pelo menos dois anos.

Alguns dos miúdos apoiados têm um apurado sentido de responsabilidade. Basta ouvir Luís Moreira, de 12 anos, para o perceber. “Às vezes, a minha mãe não tem dinheiro para pagar luz e outras despesas. Com a mesada que recebo tento ajudar a minha mãe, mas nunca chega. O dinheiro que os meus tios e o meu padrinho me dão nem é muito.” Para angariar mais algum, já pediu ao padrinho para lhe dar algum trabalho e ele às vezes lá o leva a pequenos arranjos. O rapaz sempre lhe pode passar parafusos. Alguns até conseguem ter discurso político, como Suade Fati, também de 12 anos. “Eu gostava que Passos Coelho ajudasse os pobres e não os ricos. Às vezes, vejo pessoas que estão a levantar a tampa do caixote do lixo e não estão a pôr lixo, estão a levantar a tampa, a pegar em sacos e a ver o que está lá dentro. Se Passos Coelho saísse à rua e visse quantas pessoas andam aí nos caixotes do lixo, a ir a restaurantes pedir comida e a ser expulsas, ia perceber o que está a fazer.”

A mãe de Suade está desempregada e ela não sabe ou quer dizer o que faz o pai. “Sinto falta de dinheiro para ter uma vida melhor.” O que é ter uma vida melhor? “Ter uma casa grande. Tudo o que seja essencial para o meu crescimento: comida, roupa, livros, materiais escolares, centro de estudos e coisas assim.” O sonho dela é ser médica. Vai agora para o Colégio dos Órfãos tentar escalar até lá. Para já, tem um quarto em Educação Visual e o resto três.

des, continuará a estudar na Escola do Cerco do Porto. A mãe não o deixa sair. Os pais de 85 miúdos a quem foi proposta transferência para colégios recusaram, alegando ser longe ou temer que os miúdos não se adaptem.

Técnicos da QPI estarão nos colégios a ajudar a fazer a transição. Será um desafio para eles, admite Elisa Rodrigues. “Também é um desafio para eles estarem em escolas onde ninguém lhes liga, fumam, saem, faltam. Esperamos que sintam estranheza suficiente para mudar o que é importante mudar, não por serem pobres.”

As actividades deste Verão estão a fornecer-lhes muitas “experiências positivas” que poderão partilhar com os futuros colegas. A QPI continuará, através de parcerias que estabeleça, por exemplo, com o Teatro Ferro, a garantir-lhes actividades extra. Nas novas escolas, “terão a mesma atenção, as mesmas condições, o mesmo uniforme que os outros”.

Também não teve más notas, Emanuel: “Tive quatro a Matemática e o resto três. Gosto de Matemática. Sou o melhor da minha turma. No início do ano, andava na brincadeira. Depois, pensei que não era para fazer isso. A minha mãe está sozinha e eu tenho de ajudar, não lhe posso dar preocupações. Não quero que ela esteja a enervar-se por minha causa.” Para enervar, basta o irmão mais velho. E as contas.

A situação, lá em casa, complicou-se muito. Esgotou-se o programa ocupacional que punha o padrao “a fazer de tudo” na escola de Emanuel. E a mãe foi dispensada há umas semanas. “Ia a casa de uma senhora tomar conta dos filhos dela, limpar a casa. Tenho medo de que ela não arranje outro trabalho.”

O medo do futuro sobressai nestas conversas, mesmo entre quem parece não querer mostrar que se importa, como Danilo Rocha, de 14 anos. Só o pai trabalha. “Tenho medo que nos mandem para fora de casa. Não conheço pessoas a quem isso já tenha acontecido. Nem sei como esse medo me apareceu. Penso: os meus pais têm problemas para pagar as contas, podem ter problemas para pagar a renda...”

Danilo vive num bairro social. Emanuel também. Antes vivia numa “ilha”, como Rúben. Ilhas são fileiras de casas minúsculas que foram construídas nos quintais de casas de classe mé-

Jogos tradicionais na praia de Matosinhos fazem parte das actividades pensadas para as crianças que estão a passar o Verão na Qualificar para Incluir (na página anterior). Luís Almeida (em cima) não relaxa nem nas férias

dia durante a industrialização do Porto. “Era uma casa pequenina. Tinha dois quartos. Um para mim e para o meu irmão. Outro para os meus pais e para a minha irmã.” Agora, Emanuel vive num T3 com a nova família: “Sou eu, o meu irmão, a minha mãe, o meu padrasto, a minha irmã, a minha irmã pequenina. Também tenho um cão e uma tartaruga.” E um tio. São sete pessoas, mas “é tudo grande: a sala é grande, a cozinha é grande, os quartos são grandes”.

Quando Emanuel começara a falar, tinha três amigos em redor. Dissera que não se importava que ficassem: “Eles sabem que sou pobre.” Mas cala-se quando se lhe pergunta o que quisera dizer. “Ser pobre é não ter de comer”, diz um amigo, a tentar ajudá-lo. “Diz que é triste o teu pai e a tua mãe serem desempregados”, incita outro. “O meu padrasto! O meu pai está a trabalhar”, corrige.

Já nem se lembra da última vez que comeu pizza, a sua comida favorita. Fome não passa. Almoça na QPI. Até terminarem as aulas, almoçava na escola e levava jantar da QPI para casa. Muitos dos que ali recebem acompanhamento escolar levavam. Agora, almoçam ali e só leva comida para casa quem não jantaria se não levasse.

Ser pobre pesa. Pobre é algo que ninguém quer ser. “Há sempre alguém pior do que nós, o que permite um certo distanciamento”, sublinha Fernando Diogo, professor da Universidade dos Açores, que há anos estuda a pobreza e a exclusão. Nos adultos, as percepções sobre pobreza também não encaixam na estatística.

O investigador cita um estudo feito em 2009, parceria entre a Amnistia Internacional-Portugal, a Rede Europeia Antipobreza/Portugal e a Universidade Técnica de Lisboa: 40% consideravam que metade da população ou mais vivia em situação de pobreza, mas apenas 7% admitiam ser pobre.

Ana Paula Silva, a rapariga mais alta do grupo, diz assim: “Não sou pobre, sou remediada.” O que é ser remediado? “Não passamos



Quando o pai ficou desempregado, a família requereu Rendimento Social de Inserção. Esperou nove meses. As escolas frequentadas pelas filhas é que lhes garantiam pequeno-almoço, almoço e jantar. Agora, sem cantina escolar, tantas vezes comem arroz com salsichas que uma já nem aguenta o cheiro

O pai, Miguel Oliveira, faz as apresentações: “Escusado será dizer que estas são as minhas filhas e a minha esposa. São menores com bom aproveitamento escolar. O suporte dos pais foi sempre o máximo. Sempre fizemos tudo o que pudemos por elas, até que... ficámos desempregados.”

Primeiro, a mãe. Trabalhou dez anos numa fábrica têxtil. Desde então, tem saltado de trabalho precário em trabalho precário: operária fabril, empregada de balcão, doméstica. Tem 38 anos e o 6.º ano de escolaridade. “A minha formação é a vida. Conforme foi aparecendo, fui aprendendo.”

Depois, o pai. Trabalhou 22 anos num restaurante. Saiu para uma empresa que, afinal, não chegou a empregá-lo. Tentou a sorte em Espanha. Regressou à origem. Ao fim de seis meses, reestruturação da empresa, contrato não renovado. “Descontei tantos anos para a Segurança Social. Quando precisei mesmo de ajuda, o que me deram foi 126 euros de subsídio de desemprego.”

O narrador desta história é Miguel. Responde a qualquer pergunta, mesmo que o destinatário claro seja a mulher ou as filhas.

Há 17 anos, casaram-se, ele vestia fato escuro, ela vestido branco. Há 16, pediram um empréstimo para comprar apartamento – duas assoalhadas, modesto, 77.500 euros. Há 15, tiveram a primeira filha. Há dez, a segunda. “Se as coisas corressesem bem, não havia problema. Estica de um lado, estica do outro. Ia-se levando.”

Não contava com esta crise, que faz o desemprego bater recordes – 17,4% em Junho, segundo o Eurostat. A restauração sofre com a redução do poder de compra, o IVA a 23%, o regresso da marmitta.

Miguel ficou desempregado em Setembro. A mulher, Mónica, requereu Rendimento Social de Inserção (RSI). “Com estas contas, não havia outra forma. Custou-me bastante. Não estava preparado para chegar a esse ponto. Pensava que ia encontrar uma solução. Pensava que isso só acontecia aos outros.”

Requerimento entregue em Outubro. Só em Julho, agora há pouco, começaram a receber

252 euros mensais. Não percebe como é que até os requerimentos de famílias com crianças podem ficar assim, guardadinhos. “Até agora, as necessidades que tivemos, como é que conseguimos viver, nada interessa? De quem é a responsabilidade disto? Por que não há uma informação para as pessoas que estão à espera? ‘Está em organização’, era tudo o que dizia no sistema.”

Os pais dele vivem perto: “Nalgumas situações, foram a nossa salvaguarda. A escola era o que valia durante a semana.” Por todo o país tinham aparecido crianças sem pequeno-almoço tomado. Para responder a isso, em Setembro, fora criado o Programa Escolar de Reforço Alimentar – 50% dos 10.186 alunos abrangidos melhoraram o aproveitamento, de acordo com o Ministério da Educação.

As meninas tinham pequeno-almoço, almoço e lanche na respectiva escola e traziam comida, que sobrava na cantina, para jantar. “Felizmente, tenho duas filhas bonitas com aproveitamento na escola. E se não tivessem aproveitamento? Era um problema em cima do outro.”

Miguel teve de descobrir sozinho que, frente a uma alteração de rendimentos do agregado familiar, pode solicitar-se reavaliação do escalão de abono, com reflexo no Serviço de Acção Social Escolar. O abono passou de 58 para 70 euros. Usava esse dinheiro para comprar passes.

Tiveram de entregar o carro. Temeram perder a casa. Não tinham forma de pagar uma prestação de 300 euros. “Cheguei a ter quatro prestações em atraso. Renegocieei. Pedi carência de capital. Para isso, tive de pedir dinheiro emprestado para cobrir juros vencidos. Tivemos de prolongar o empréstimo. Durante 36 meses, pagamos só juros: 95 euros por mês.” Juntaram-se prestações em atraso com a dívida do cartão de crédito. Também acumulou dívida num cartão de um hipermercado. “Quando estava empregado, a gente gastava e pagava, e a coisa mais ou menos funcionava. Quando fiquei desempregado, foi alargando.”

Custava-lhe adormecer. Tantas vezes, ia à porta do quarto das filhas e ficava a olhá-las –

Sara, a de 15 anos, a dormir na cama à direita, Catarina, a de dez, na cama à esquerda, agarrada a um panda. “Há momentos em que a cabeça dói tanto que temos de tomar analgésicos. Até estávamos proibidos de ficar doentes. O que iria ser de nós, se ficássemos doentes?”

Durante nove meses, só conseguiram “uns biscates para ir comprando alguma comida”. Durante nove meses, só uma vez receberam um cabaz alimentar. Durante nove meses, só uma vez receberam 150 euros da Acção Social – acharam que aconteceria todos os meses até chegar o RSI.

A chamada “boca de cofre da Segurança Social” esvaziava-se de depressa. Pedidos de ajuda para suportar despesas fixas de famílias aflitas podem ser aprovados e ficar por pagar. A técnica que as acompanham tem dificuldade em conseguir até ajudas técnicas, como óculos ou aparelhos auditivos. Recorre aos serviços sociais dos hospitais, que tardam em responder.

Com o fim das aulas, o problema da alimentação colocou-se com mais força. O Porto, ao contrário de muitas câmaras pais fora, não manteve cantinas escolares abertas. Há cantinas sociais. E várias instituições particulares de solidariedade social reforçaram os cabazes alimentares.

Ouvimo-las falar sobre o que tem sido a comida quando o pai se ausenta, por uns minutos, para outra parte do apartamento.

– A Catarina gosta muito de salchichas. Se lhe desse todos os dias, não se importava. A Sara, de tanto comer arroz e salchichas, enjoou – diz a mãe.

– Já não consigo. O cheiro enjoa-me – confirma a rapariga.

– É o mais barato.
– A alternativa é ovos mexidos.
– Os ovos estão caríssimos.

Há muitos desejos infanto-juvenis que as contas não deixam a mãe satisfazer. “A Catarina fica toda contente se lhe der uma bolinha. Um euro, uma bolinha. A Sara não. A Sara quer um telemóvel e não pode ser.”

Tem muitos brinquedos, Catarina. “Se me vierem chamar [as amigas], eu prefiro ir para o patamar ou lá para trás [do prédio] jogar à bola.” A irmã é mais recatada. Passa mais tempo no quarto. “Tudo o que está aqui reflecte o que eu sou”, diz. “Gosto de ser quem sou, inteligente e preocupada. Gosto de perfumes. Gosto de óculos de sol. Gosto de bijuteria. Gosto de me vestir bem.” O pai, à porta do quarto, não resiste a interrompê-la: “E gostas da ideia de ir ao *shopping* e de sair com uma camisolita ou umas calças e não podes.”

Catarina tem ido a algumas actividades organizadas pela associação mutualista Benefica e Providente. Desde que as férias começaram, Sara anda por ali. “Dormir, ver televisão, jogar no computador, ir ao *shopping* ver montras, tocar ali no meu menino.” O menino é o órgão, que lhe deram na Congregação Cristã em Portugal. Férias ideais? “Havai.” O mais parecido, por cá, parece-lhe o Algarve. “Nem isso”, diz o pai. “A família costumava fazer campismo em Vila Flor [Trás-os-Montes]. Nunca tivemos condições para ir muito longe. Desde 2011, não fazemos férias. Há alguns anos, assumimos algumas estratégias para tentar sobreviver.”

Mónica também falara nisso: “Há três anos, fiz a laqueação. Não havia dinheiro para ter mais filhos. Mas tenho um desgosto. Se fosse hoje, não fazia. Ia esperar para ver o que dava.”

Esperança renovada este mês. Miguel começou a trabalhar a tempo inteiro num restaurante. “Vou ganhar 485 euros. Com os descontos, vou trazer uns 420.” Numa primeira fase, a família contará ainda com 100 euros de RSI. Com abonos, terá 570 euros para gerir. Poderá respirar, apesar do aperto.

A QUEDA DE UMA FAMÍLIA





Não se sabe bem qual é a actual dimensão da pobreza infantil. Os últimos dados do INE reportam a 2011 e a taxa de risco de pobreza em menores de 18 anos alcançava os 21,7%. E o que têm a dizer estes meninos sobre a austeridade que alastra? Que falta "justiça de vida"

RUI FARINHA/NFACTOS

